

**DE  
BAIXO  
DA  
LINGUAGEM**

**CONVERSAS  
EM PORTUGUÊS**

2023

**DE  
BAIXO  
DA  
LINGUAGEM**

**CONVERSAS  
EM PORTUGUÊS**

LIVRO DEBAIXO DA LÍNGUA 2023

**Agosto 2023**

Uma colaboração entre CMA, Festival Sol da Caparica e Gerador

**Entrevistados:** Beatriz Rosário; Fernando Cunha; Keli Freitas; Pedro Mafama; Sam The Kid; Selma Uamusse

**Jornalistas Gerador:** Flávia Brito; Mariana Moniz; Sofia Craveiro

**Design:** Inês Caraça, Departamento de Comunicação, CMA

**Ilustrações:** Priscilla Ballarin, Gerador

**Comunicação:** Inês Roque, Gerador; Margarida Marques, Gerador; Departamento de Comunicação, CMA

**Coordenação:** Tiago Sigorelho, Gerador; Eunice Figueiredo e José Cortez, CMA

**Impressão:** Jorge Fernandes

**Depósito Legal:**

# ÍNDICE

**O PROJETO DEBAIXO DA LÍNGUA 6**

**PREFÁCIO 8**

**O GERADOR 10**

**A EDIÇÃO DESTE ANO 12**

**BEATRIZ ROSÁRIO 15**

**FERNANDO CUNHA 22**

**KELI FREITAS 33**

**PEDRO MAFAMA 43**

**SAM THE KID 53**

**SELMA UAMUSSE 62**

# DE BAIXO DA LÍNGUA

O PROJETO

Explorar toda a riqueza de uma língua é cada vez mais necessário num mundo onde o papel da comunicação universal se tornou imperativo. A língua portuguesa, pela sua versatilidade e pela sua capacidade vocabular, é extraordinariamente poderosa para a expressão artística. Ao falarmos da língua portuguesa de forma artística, mergulhamos num universo de possibilidades criativas.

O projeto Debaixo da Língua, uma parceria entre a Câmara Municipal de Almada e o Festival Sol da Caparica, pretende sublinhar o extraordinário potencial da língua portuguesa, dando espaço aos seus artífices para dela se ocuparem em entrevistas e debates originais e provocadores.

A música é um dos domínios que mais criatividade tem emprestado à dinâmica da língua. Através de diferentes géneros, da diversidade cultural de onde provêm os intérpretes, das explorações de sonoridades ou da integração de elementos contemporâneos e tradicionais, os músicos que experimentam à volta da língua portuguesa têm sido verdadeiros embaixadores da língua, contribuindo para a sua difusão e valorização.

É por aqui que começa o projeto, por esta ligação óbvia e fundamental entre os músicos e a língua. Sem nunca esquecer outras dimensões artísticas onde a língua portuguesa assume grande protagonismo, orientamos a centralidade do projeto Debaixo da Língua para a forma como os músicos moldam e estendem os limites da língua portuguesa, criando padrões e tendências.

O projeto Debaixo da Língua desbrava fronteiras e horizontes, guiado pela fusão entre a língua portuguesa e a música. Os músicos são pioneiros nessa exploração, alargando os limites da língua através de diferentes géneros e sonoridades. As entrevistas e debates presentes no projeto são um convite para embarcar nessa jornada criativa, onde a língua portuguesa se torna um veículo de conexão entre culturas.

# PRE FÁCULO

Explorar a língua portuguesa, as suas subtilezas, perplexidades, complexidades, o seu poder é um intento tão difícil como desafiante. O repto para essa viagem é uma vez mais lançado pelo conjunto de seis entrevistas reunidas neste livro. Depois da interrupção forçada pela pandemia em 2023 a reflexão em torno da língua regressa, tão rica e inspiradora como sempre.

Na presente edição de Debaixo da Língua reflecte-se sobre música e língua. A palavra "música" não significa o mesmo em todas as culturas, mas cantar e produzir música ou tocar são actos universais.

Se recuarmos até à Antiguidade Grega a palavra música era uma forma adjectivada de musa, sendo considerada de origem divina. Séculos mais tarde o poeta alemão Johann Wolfgang von Goethe referia que as duas dicotomias na música (popular/erudita; corpo/espírito) contrastam e completam-se. "A seriedade da música religiosa, os aspectos alegres e trocistas da música popular, são os dois pólos opostos entre os quais a arte dos sons sempre tem oscilado. É servindo a estes dois fins, a religião [o espírito] ou a dança [o corpo], que a música se tem tornado duradouramente indispensável".

Como diz Sam the Kid em entrevista “quando temos as palavras numa folha há uma liberdade enorme. Há uma liberdade visual e há uma liberdade de interpretação daquilo que estamos a ler. E se nós não soubermos ler bem, se não formos bons intérpretes a ler, será que essa emoção vai passar?”

Ao longo destas entrevistas para além de música e de língua é a própria noção de interpretação que abre portas à imaginação.

**Inês de Medeiros**

*Presidente da Câmara Municipal de Almada*

# O GERADOR

O Gerador é uma plataforma independente de jornalismo, cultura e educação nascida em 2014. Propõe-se fornecer ferramentas à população residente em Portugal para exercer uma cidadania mais ativa, crítica, participativa e criativa. Acreditamos que pessoas mais informadas, com acesso a educação, formal e informal, mais consequente e que possam participar ativamente na fruição e criação artística, são capazes de influenciar positivamente a sociedade.

Fazemos jornalismo lento como contraponto da urgência dos tempos que nos envolvem. Publicamos uma revista quadrimestral, de edição limitada e numerada, e tentamos tirar o maior proveito das vantagens digitais no nosso site e nas nossas redes sociais para tornar a informação acessível a todos.

O Gerador persegue estes temas hoje, porque são determinantes para o que vamos ser como sociedade amanhã:

- Juventude: analisamos as vontades e preocupações dos jovens. Procuramos fazer jornalismo sobre o reinventar da educação, sobre políticas de emprego, sobre os problemas relacionados com a habitação e sobre os desafios da saúde mental.

- **Causas Sociais:** refletimos sobre as dinâmicas principais de uma sociedade moderna e progressista, como a desigualdade, a discriminação, o lugar de fala, a identidade e a orientação sexual ou as políticas de migração.
- **Sustentabilidade:** permanecemos alertas sobre a sustentabilidade e resiliência ambiental. Exploramos informação sobre as alterações climáticas, os novos desafios ambientais e damos visibilidade a pessoas e projetos que procurem uma mudança de paradigma.
- **Interior:** cobrimos os tópicos fundamentais relacionados com o interior do país e com localidades de baixa densidade populacional, nomeadamente, riscos demográficos, desertificação, condições de acesso, pobreza, competitividade económica e transição digital.
- **Democracia:** investigamos as grandes questões relacionadas com os sistemas políticos, com a forma de estruturar a sociedade, com a vontade de fazer um jornalismo consequente e inclusivo e queremos contribuir para a mobilização dos cidadãos na sua participação cívica.
- **Cultura:** abordamos os assuntos estratégicos da cultura no nosso país, porque sabemos quanto ela é importante para o nosso desenvolvimento. Falamos sobre as iniciativas culturais e procuramos conteúdos fora das grandes cidades que valorizem a cultura popular e novas expressões culturais.

Sabe mais em [\*\*gerador.eu\*\*](http://gerador.eu)

# A EDIÇÃO DESSE ANO

Sendo este um livro que explora o poder das palavras, é impressionante verificar o quanto o significado da palavra “pandemia” se alterou. Hoje, quando lemos ou ouvimos esta palavra, temos um sentimento concreto, que nos leva para um período específico, a todos no mundo, em simultâneo.

Essa palavra lembra-nos, para além de todas as tragédias, das consequências nas práticas culturais a todos os níveis, incluindo na capacidade de organizar festivais de música ou, mesmo, da publicação de um livro.

O livro do projeto Debaixo da Língua volta a ser publicado em 2023, depois da sua última edição de 2019, tal foram as implicações daquela palavra reinventada em 2020. A palavra e a língua, no entanto, continuaram o seu caminho de relevância no mundo atual, dando corpo à necessidade de ter a comunicação como eixo central da sociedade.

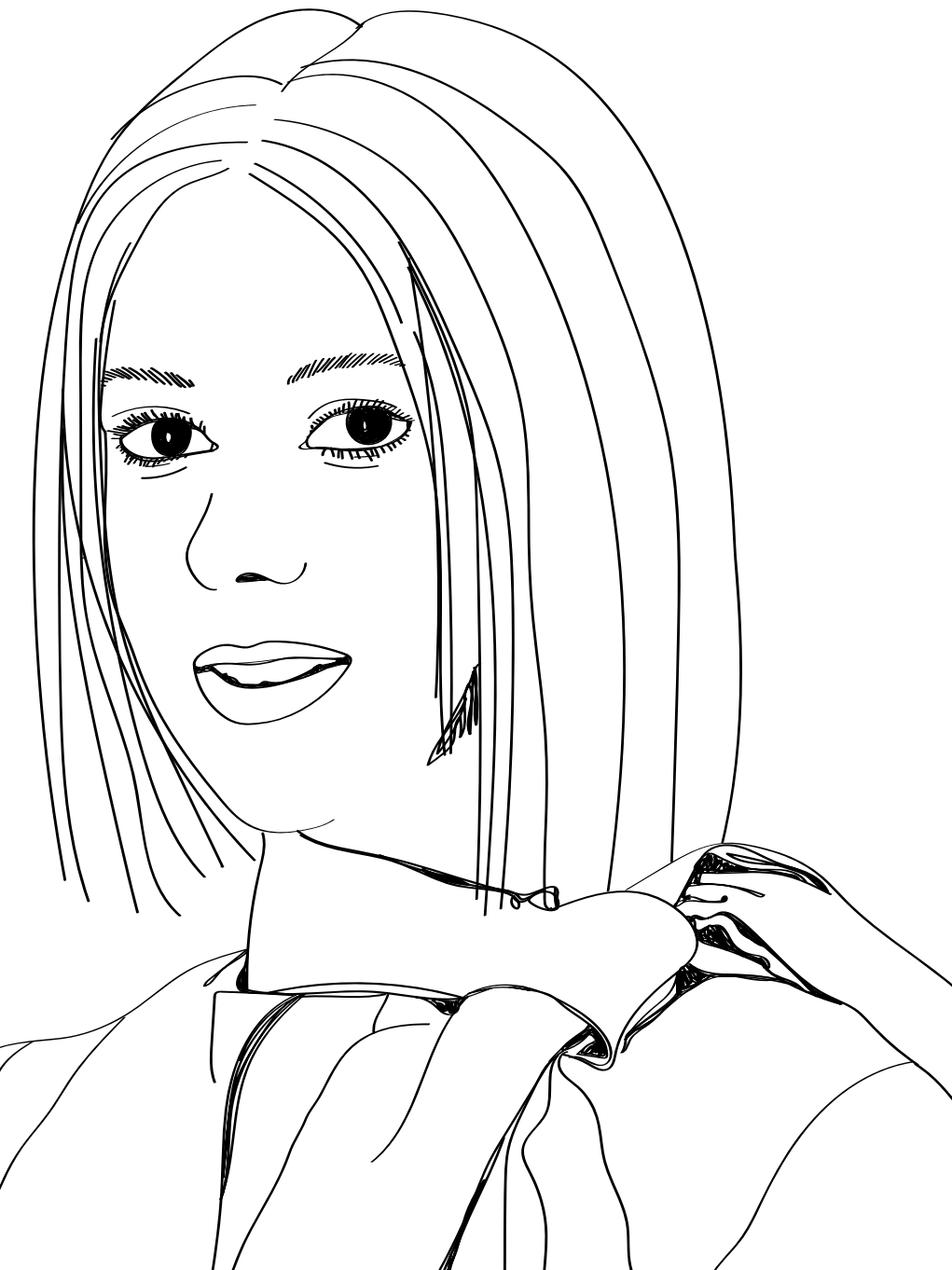
Voltar a esta publicação, a refletir com um conjunto de autores que nos abrem portas para a compreensão da língua portuguesa e do seu futuro, era um destino decidido. Precisamos manter viva a discussão sobre o que significa a língua e a linguagem até como forma de nos compreendermos a nós mesmo.

Nesta edição trazemos seis importantes personalidades do mundo performático, com destaque, naturalmente, para a música. São entrevistas que nos ajudam a entender quais as dimensões mais relevantes da língua portuguesa, os seus desafios, os seus problemas e as suas qualidades.

AS  
ENTRE-  
VISTAS

BEATRIZ  
ROSARIO





**“A música é uma das formas artísticas que melhor nos leva a expressar a nossa alma e a compreender a alma dos outros”**

ENTREVISTA POR MARIANA MONIZ,  
JORNALISTA DO GERADOR

**Beatriz Rosário** é uma artista de 25 anos, natural de Coimbra. Acredita que todos nós temos uma missão na vida e que a sua passa por ser feliz. De que forma? Expressando-se através da música, mais concretamente, através do Fado. Escolheu este género musical, pois ele sempre esteve presente na sua infância. Contudo, assume-se também como uma fadista alternativa ao inserir outras melodias e outros géneros musicais nas suas composições, o que faz com que Beatriz se distinga dos demais da sua geração.

**Porque escolheste a música como vertente artística e, mais concretamente, a vertente do Fado?**

Claro que não tinha problema algum ir para outro género que não fosse o fado, só que é uma coisa que eu não consigo explicar. A Amália dizia isto do Fado, e é verdade: “o Fado acontece”, não se explica, sente-se. E quando vais a uma casa de Fados, tu sentes aquele momento como se não conseguisses traduzir em palavras. Para mim, é um género muito especial, muito autêntico, muito nosso, muito português. Por ser tão por-

tuguês e tão misterioso ao mesmo tempo, é esta coisa melancólica, triste. Eu acho que são esses pequenos “nadas” que traduzem tudo o que faz com que o Fado seja muito especial. Não é necessariamente uma coisa triste, é a vida. E o fado é misterioso, é mistério e é por isso que gosto muito de fado, porque é uma coisa nossa, portuguesa que não há em mais lado nenhum, é autêntica.

### **Mas por outro lado também assumes que cantas um Fado que é alternativo.**

Eu acho mesmo que o meu estilo é alternativo. Porquê? Por causa da minha vida natural. Cresci num ambiente - embora a minha família não seja da música - onde sempre houve muita música. Eu cresci a ouvir muita música popular portuguesa, de tradição portuguesa, muito fado, os mais variados fadistas. Estava sempre em tertúlias com músicos de Coimbra. Porque é que é alternativo? Porque, à semelhança de ter esta abordagem mais tradicional, sempre fui crescendo com uma pessoa, que é o meu irmão 10 anos mais velho do que eu, que sempre me foi mostrando outros géneros. Eu acho que um artista tem de, antes de mais nada, fazer uma viagem interior, tem de fazer uma viagem a si próprio, tem de se questionar constantemente, olhar para o mundo. Na realidade, vim a perceber, mais tarde, que o meu caminho não passava puramente pelo fado tradicional. Eu sentia, e sinto, que tenho de explorar outras ilhas, outros países, mas não desgrudando da raiz. Por isso, acho que crio um fado alternativo, porque canto para toda gente, para os jovens, para os menos jovens. É por isso.

**Como descreverias o processo de composição das tuas letras?**

Existem várias formas de fazer música e eu trabalho muito com o espírito de comunidade. Existem pessoas que gostam mais de trabalhar sozinhas e que, se calhar, pegam num piano em casa e começam a fazer uma melodia e depois vem a letra. Ou então ao contrário: fazem a letra e depois é que vem a melodia. Eu gosto mais de ir para o estúdio com vários músicos, vários artistas, o produtor começar a fazer uns acordes, criar uma base musical e depois irmos para o microfone fazer melodias que encaixem naquela harmonia. Quando encaixamos e conseguimos perceber que aquilo faz sentido, começamos a pensar na letra para aquela melodia.

**Como é que tu descreverias a tua relação com a língua portuguesa?**

É uma relação natural, porque nasci em Portugal, logo é a minha primeira língua de raciocínio lógico, eu penso em português, não é? Sempre gostei do português, mesmo na escola, e sempre gostei imenso das obras do Fernando Pessoa, dos seus heterónimos. Sempre gostei de Camões também, portanto eu sou uma apaixonada pelo português, não obstante que não goste de outras línguas.

**Mas tu escolheste cantar somente em português ou foi algo que também surgiu de forma natural?**

Eu acho que é uma consequência do fado. Nós no fado ligamos muito ao poder das palavras. A maneira como as dizemos enquanto cantamos. Então, eu diria que uma das maiores matérias-primas do fado são as letras.

**Também te assumes como uma mulher empoderada, que tem certos ideais feministas. De que forma refletés sobre isso nas tuas letras e no teu trabalho em geral?**

Eu sou defensora da igualdade de género, ou seja, não tento ter um discurso de colocar a mulher à frente do homem ou de colocar o homem à frente da mulher. Todos nós somos pessoas, somos seres. Estamos aqui na terra, neste jogo, à procura da nossa felicidade. Não costumo falar muito disso - da mulher ser isto ou aquilo mais do que o homem, porque quero acreditar que o mundo está a tender para aí dessa forma positiva e construtiva. Agora, claro que tenho as minhas mulheres de inspiração e por isso é que também surgiu a música "Maria". Tenho figuras femininas na minha família, que não só marcaram a minha infância e com quem passei muito tempo, que para mim são exemplos, porque me ajudaram, porque vi e vejo o quanto trabalham, com vidas nem sempre fáceis, mas que querem sempre ajudar o outro. Então, é por isso que falo da mulher, de ir para a frente e lutar sempre pelo que se quer, seja mulher ou homem.

**Tens procurado, cada vez mais, unir a música a certos estímulos visuais. Porquê?**

Isso depende dos conceitos artísticos. Ainda no outro dia estava a ver um concerto da Tash Sultana, no qual ela estava sozinha em palco e tocava todos os instrumentos, cantava, fazia tudo. Uma coisa tão simples e complexa ao mesmo tempo. Nós, [artistas], somos felizes com o que fazemos, mas estamos sempre à procura de mais ou de tentarmos expressar-nos de outras maneiras. Não é que seja mais certo ou menos certo,

mas simplesmente estamos a tentar descobrir novos caminhos, maneiras de podermos oferecer mais coisas ou coisas diferentes às pessoas, porque música é experiência. Podemos dar um grande concerto, porque estamos a cantar muito bem e a tocar muito bem, mas também podemos conferir uma experiência na qual realmente abraçamos [as pessoas]. Elas ouvem, mas também têm estímulos visuais. Para o Sol da Caparica, delineámos um concerto muito interessante, que terá momentos muito distintos em determinadas músicas. Vai ser uma arte. E a arte também passa por várias formas de expressão. Neste caso, vamos passar pela dança.

**Mas consideras que, para um artista se conseguir expressar em termos musicais, também deve incluir essas outras componentes no seu trabalho?**

Eu acho que a música é uma das formas artísticas que melhor nos leva a expressar a nossa alma e a compreender a alma dos outros. Existem várias formas de arte. Agora, eu acho que se pode tentar complementar com diferentes artes, seja pintura e música, música e teatro, música e dança. Acho que é uma questão de se testar.

**Alguma mensagem final?**

Fico feliz que as pessoas, cada vez mais, oiçam música portuguesa e estou grata por estar a fazer este caminho tão bonito, ao lado de pessoas que estão a apoiar-me. Estou feliz.



FERNANDO  
CUNHA



# “As canções têm vidas próprias, consoante o tempo”

ENTREVISTA POR SOFIA CRAVEIRO,  
JORNALISTA DO GERADOR

Em 2022 lançou o seu mais recente trabalho a solo, com o título “A Linha do Tempo”. Com um percurso de quatro décadas na música, mais de duas em trabalho singular, **Fernando Cunha** não nega as influências do passado como guitarrista das míticas bandas Resistência, Delfins ou Ar de Rock. “A experiência que nós vamos adquirindo reflete-se sempre no presente”, confessa.

A 17 de agosto o artista é um dos nomes que sobe ao palco do Sol da Caparica, onde prevê estar rodeado de artistas que com ele colaboraram ao longo da vasta carreira.

**Sempre acreditou que “o presente é mais importante”, mas a verdade é que o passado não deixa de o perseguir, no sentido em que está sempre ligado àquilo que foi o seu passado na música. Como encara esse legado que deixou no panorama musical português?**

Embora não me considere uma pessoa saudosista, o que nós fizemos no passado é o que faz de nós o que somos hoje. Em termos de canções, gosto de, muitas vezes, olhar para trás, pegar em canções que gravei há muitos anos, com os Delfins, com os Resistência ou a solo, e regravá-las de novo, fazer novos arranjos, com outros músicos. É uma coisa que eu gosto muito de fazer, porque as músicas ganham sempre uma nova leitura e uma nova atualidade, principalmente quando são letras que, em parte, eu considero intemporais. Para mim, o que é o passado e o que é o presente não é [algo] assim tão separado.

Uma música pode ter muitos anos, mas nós podemos pegar nela, fazer uma nova versão com outros músicos, com outros arranjos, com outras vocalizações e, às tantas, a música ganhou uma vida nova. Portanto, nesse aspeto, é assim que eu vejo as coisas que vou fazendo para trás, mas, claro, é a experiência que nós vamos adquirindo que se reflete sempre no presente, embora, para mim, o mais importante é sempre o que estou a fazer agora, no dia a dia e também alguns projetos que vou planeado para o futuro. Mas o principal é o que estou a fazer neste momento.

**Já há mais de duas décadas que trabalha a solo. Que diferenças é que aponta no desenvolvimento das suas músicas, comparativamente ao trabalho que fazia quando estava numa banda?**

Há muita coisa que é igual. A forma de trabalhar é mais ou menos a mesma, mas os projetos a solo permitem-nos uma "liberdade" criativa, não só de forma, como de músicos que utilizamos. [Há] um leque muito mais aberto de experiências que posso fazer nos

discos a solo que não posso fazer nas bandas, que já estão limitadas àquelas pessoas. Embora goste muito do trabalho com as bandas - seja nos Delfins, seja nos Resistência ou Ar de Rock -, nos projetos a solo, eu posso trabalhar com os músicos que eu quiser. Posso convidar os convidados que eu quiser, sem ter de haver ali uma votação democrática. Portanto, é nesse aspeto que eu acho muito interessante fazer projetos a solo.

O meu primeiro disco a solo, por exemplo, é um disco muito diferente dos Delfins. Embora tenha muitos convidados - teve lá o Miguel Ângelo também -, mas é um disco com influências muito étnicas, desde ritmos brasileiros a africanos... É o primeiro disco que mistura pop com world music e também, que eu me lembre, na altura - isto foi em 98, faz agora vinte e cinco anos -, foi o primeiro disco em que tive a participação de dois rappers, na altura ainda pouco conhecidos, que era o Boss AC e General D. Tive músicos convidados incríveis, tive o Castor, um percussionista de São Paulo, o Rui Veloso, a Maria Leon, o Olavo, o Miguel, Pedro Ayres Magalhães... e, lá está, isso não cabia num disco dos Delfins, não é? Portanto, é esse aspeto que é a maior diferença dos projetos a solo.

[Cantar a solo] também permite que eu possa cantar as músicas no meu tom. Enquanto que nos Delfins eu escrevo, conjuntamente ou sozinho, para o Miguel [Ângelo] - sempre foi assim. No caso dos Resistência, tenho algumas canções em que sou eu o cantor principal, mas, num projeto a solo, eu assumo-me mesmo como vocalista principal dos projetos.

**Portanto, tem mais liberdade criativa para realizar as suas ideias pessoais.**

Sim.

**Na sua opinião, que importância tem hoje o rock e as letras cantadas na língua portuguesa?**

Tem toda a importância. Eu comecei como ouvinte. Quando era miúdo, ouvia cantar em inglês. Sou da geração em que cantar rock ou pop rock em português era muito foleiro. O pessoal [dizia] "epá, que horror!". "Rock, Pop tem que ser inglês, senão fica horrível".

Nós fizemos um grande esforço, nós, os músicos da nossa geração, e os que nos antecederam, da geração anterior, como por exemplo o Rui Veloso, os Táxi, os GNR - que são de uma geração anterior à minha -, os Heróis do mar, os Xutos [e Pontapés] também... Fomos desenvolvendo uma forma de conseguir cantar as letras em português, no rock, e soarem bem. Isso foi a grande batalha, também, dos Delfins desde o início.

A nossa aprendizagem, enquanto letristas, foi fazer muitas letras. Muitas vezes fizemos mais do que uma letra para a mesma música. Havia um processo de amadurecimento das letras até nos soarem bem. Muita coisa foi para o lixo, muitos papéis amarrotados. Depois começámos a perceber como é que as coisas soavam melhor, as vogais e as consoantes, como é que se devia fazer para ter mais musicalidade.

Por exemplo, no caso do [português] brasileiro é muito mais fácil, porque é uma língua muito mais aberta que a nossa em termos de vogais e permite uma musicali-

dade muito mais agradável. No caso do português [de Portugal], sendo uma língua mais fechada, era mais difícil, mas conseguimos.

Acho que estas gerações dos anos 80, anos 90 foram pioneiras em conseguir cantar rock em português e as pessoas começaram a aderir. Esta geração de pessoas que nos acompanhou também começou a gostar de ouvir o rock, o pop rock cantado em português e hoje em dia é uma coisa normal. Toda a gente ouve música pop ou rock cantada em português com naturalidade.

### **Nesse sentido sente que os músicos da sua geração e das anteriores abriram esse caminho?**

Sim. Faz toda a diferença porque é o que nos distingue da música cantada em inglês, lá fora. Atualmente, se ouvir uma música de rock, pop cantada em português, a percepção da mensagem da letra é imediata e é a nossa língua, tem mais a ver conosco tem mais a ver com cada geração, não é? O inglês não é tão imediato, embora soe melhor ao ouvido.

Soa sempre muito bem, mas eu lembro-me de letras de músicas, bandas que eu tentava aprender a tocar na altura e eu cantava as letras assim meio aldrabadas. Só passado anos é que eu descobri o que é que eles realmente cantavam [risos]. Não era bem aquela palavra que eu estava a dizer, era outra coisa.

### **Onde é que se inspira habitualmente para escrever? Tem alguma referência que esteja sempre presente, ou as referências vão-se alterando?**

Para já nestes anos todos - são vinte e cinco anos de carreira a solo, mas são muito mais de carreira na rea-

lidade...nem vou dizer. Ao longo do tempo, claro que tudo o que eu ouvi, aquilo que são as nossas influências ao longo do tempo...

Eu era um aluno de ciências, nunca fui de letras. Eu era um grande calão no liceu, no que toca ao português. É curioso. Foi a música que me obrigou a estudar português, porque eu nunca lia os livros que me mandavam ler. Eu estudava lá os resumos e as personagens e safava-me sempre. Comecei a ler esses livros, do Fernando Pessoa, do Eça de Queirós, muitos desses autores que eram do nosso programa escolar, na altura, já depois de estar na faculdade a tirar [o curso] de engenharia eletrónica. Não tinha nada a ver, [mas] queria melhorar a forma de fazer letras e perceber melhor toda a morfologia da escrita e do ritmo, das palavras e tudo isso. E comecei a estudar como autodidata. Aliás, sou autodidata em tudo.

Outra coisa que também gostei de estudar, na altura, foram os letristas que escreviam para o fado, que já escreviam muito bem. Embora não [fosse] a nossa linguagem [atual], escreviam muito bem, porque eram quase todos poetas. Alguns até, que escreviam para a música mais ligeira da altura, também eram poetas.

Tive inspiração também de outros cantores da geração anterior como Pedro Ayres Magalhães que é um excelente letrista, o Carlos Tê, entre outros. Mas, depois, desenvolvi uma forma - eu e Miguel, principalmente -, de escrita que tem a ver com a nossa vida, com as nossas experiências de vida, com tudo o que nos rodeia. As pessoas que nós conhecemos são grandes motivos de

inspiração também. [...] Outras vezes [as canções] são autobiográficas também. Embora não esteja explícito na letra que o são, muitas delas são.

**De certa forma, sempre manteve esse caráter intimista, mesmo agora que desenvolve trabalho a solo.**

Até é mais a solo, embora eu goste muito de fazer colaborações, não só na música como nas letras. Gosto de escrever sozinho, mas gosto muito de escrever em parcerias ou, como fiz para este disco com a Joana Alegre, por exemplo: dei-lhe determinadas guidelines sobre o que é queria fazer, sobre o que é que a letra deve falar. Já lhe dei a música [feita]. Depois ela foi fazendo, fomos corrigindo, até chegar exatamente àquilo que eu queria dizer. Gosto muito porque essas pessoas não escrevem como eu.

**Que letras mais se orgulha de ter escrito, ao longo da sua carreira?**

Isso é muito difícil [de escolher]. Para já, porque as canções têm vidas próprias, consoante o tempo. Às vezes fazem mais sentido numa determinada época, depois, de repente, ganham outro sentido noutra época, principalmente as letras.

Há muitas [músicas] dos Delfins...sei lá. Há uma que eu gosto, particularmente que é "Ao passar o navio" mas gosto de todas, é evidente.

No caso dos meus discos a solo, gosto muito de uma que nós estamos a tocar agora, que é do meu primeiro disco que é "Só há tempo para viver agora". Fala precisamente nessa questão de nós nos preocuparmos demasiado com o futuro ou com o passado. Carregamos

um peso muito grande das asneiras do passado e não conseguimos ser felizes no presente. Diz: “o que vem amanhã não importa / Estás à vontade / Antes viver tudo agora que amanhã viver metade”.

Portanto, é um bocado esse espírito. Eu gosto muito dessa [música], que tem a participação do Boss AC na versão original.

Nos temas mais recentes, deste último disco, gosto da “Canção Pai Filho”, que é uma canção que é dedicada ao meu filho mais velho, precisamente quando ele começou a tocar bateria, com seis anos. Essa é muito importante, porque é uma música que é feita por mim, com a letra da mãe, também com a participação dela. Portanto, é uma música de conversa familiar.

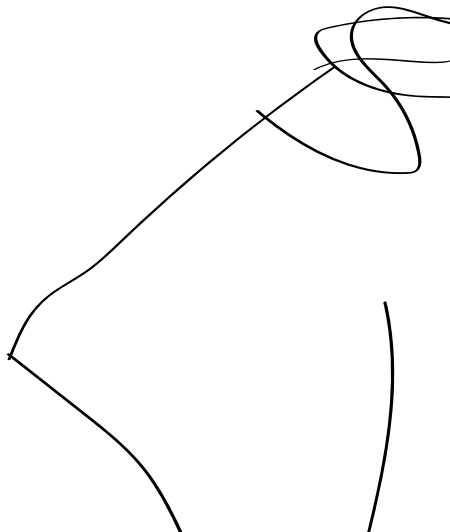
### **A quem espera chegar quando escreve?**

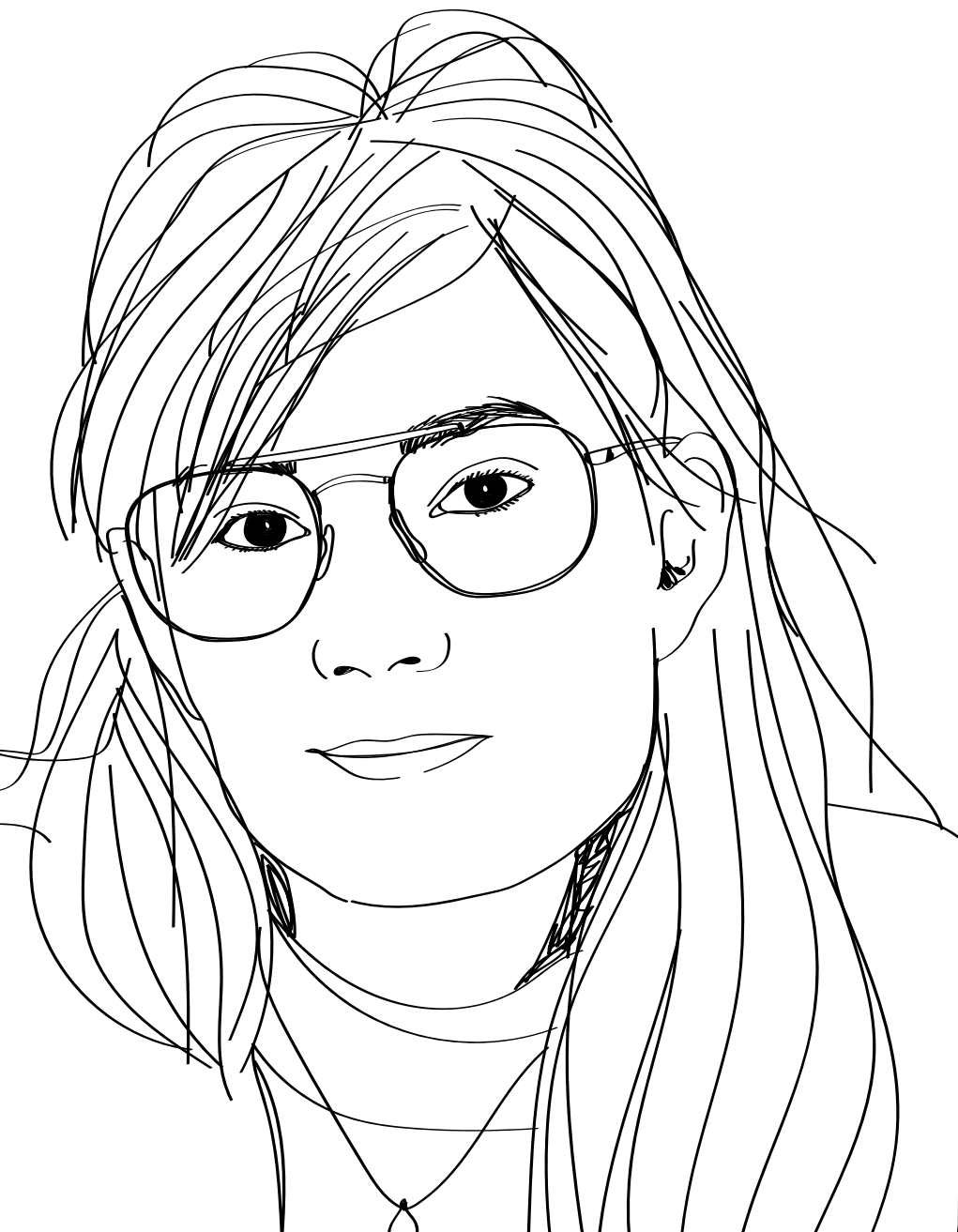
Não penso nisso. Eu não escrevo dessa maneira. Eu escrevo, normalmente, aquilo que me apetece escrever, sobre as pessoas de quem eu quero falar, de mim próprio ou algo que quero transmitir e que faz sentido quando estou a compor.

Nesse momento faz-me sentido, por exemplo, escrever sobre a Guerra do Ultramar, porque eu vivi lá. O meu pai foi militar de carreira e, em 88, fez sentido escrever uma música [sobre isso]. Desafiei o Miguel [Gameiro] a fazer uma música sobre guerra colonial, na perspetiva de quem voltou e nos contou a história. Embora tenha vivido lá na minha infância, esse foi o timing certo. Hoje é uma música que pode ser aplicada a qualquer das guerras que andam por aí agora, como esta, da Ucrânia e da Rússia.

Portanto, é assim que entendo as letras. O momento tem de fazer sentido com a minha vida no momento. Depois, a quem é que vão atingir? A partir do momento que eu edito, deixa de ser minha. Eu penso sempre assim. A partir daí é de quem a ouvir e, quem a ouvir, vai interpretá-la à sua maneira. Portanto, muitas pessoas tiram interpretações das minhas letras que não foram as nossas iniciais. [...] Isso é um dos grandes poderes, digamos assim, e da magia que têm as canções. E é por isso que algumas delas duram décadas e atravessam gerações. Foram escritas numa altura, a falar sobre determinadas pessoas ou determinado assunto, e, ouvidas vinte ou trinta anos depois, as pessoas que dessa idade e dessa geração ouvem-na e faz sentido para elas, porque também estão a viver algum sentimento, situação que essa letra toca. É incrível, não é? Isso é o poder das canções.

KELL  
FREITAS





# “Queria muito falar sobre o problema da língua”

ENTREVISTA POR FLÁVIA BRITO,  
JORNALISTA DO GERADOR

**Keli Freitas** é atriz, escritora, pesquisadora e dramaturga. Há mais de dez anos, coleciona cartas anónimas, compradas em feiras de antiguidades e com elas tem desenvolvido trabalhos autorais no campo da escrita cotidiana. No ano passado, a artista brasileira estreou em Portugal, onde reside desde 2017, o espetáculo “Outra Língua”, criado com Nádya Yracema, Raquel André e Tita Maravilha, e que problematiza a língua portuguesa como ferramenta de poder, exclusão e categorização do mundo em nosso redor.

## **Como nasce o teu fascínio pelo universo das palavras, da língua, da escrita?**

É algo meio difícil de explicar, porque venho de um contexto onde a palavra, o amor pelos livros, pela música, não existia. Mas comigo foi desde cedo. Com quinze anos, comprei, pela primeira vez, um caderno e ali comecei a fazer os meus primeiros exercícios. Claro que aquilo era horrível, poemas de uma menina de quinze anos, mas acho que foi um exercício importante pra mim. Foi quase a construção de uma intimidade, com

algo [a língua], que é de todo mundo. Mas ali tinha um espaço... quase como se tivesse uma relação que era minha com a língua.

O primeiro escritor que li, e que fez mudar tudo dentro da minha cabeça, foi o Gabriel García Márquez. Já devia ter dezasseis anos e uma amiga me emprestou um livro dele. Era *A Incrível e Triste História da Cândida Eréndira e da Sua Avó Desalmada*. É um livro de contos. Foi a primeira vez que a linguagem [de alguém] deu um nó na minha cabeça, e em que entendi qualquer coisa sobre o que poderia vir a ser a literatura, ou o trabalho com as palavras.

Era uma coisa fenomenal de que, até então, não tinha tido ideia, porque nunca me tinha impactado a forma como um escritor trabalha a palavra. Talvez nos livros da escola as coisas sejam mais objetivas. Lia obrigada, era super preguiçosa, preferia jogar futebol. Com o Gabriel García Márquez, isso mudou.

**Foi a partir desse livro que começaste a desbravar o universo das palavras, ou houve outras situações, ao longo da tua vida, que propiciaram esse gosto?**

Acho que são várias coisas que acontecem ao mesmo tempo e que, como era muito jovem, meio que não tinha essa consciência. Mas acho que, com o Gabriel García Márquez, foi um encontro com a palavra escrita. Comprava todos os livros dele com a minha mesada. Um por mês, praticamente. É o único escritor cuja obra li inteira, aos dezasseis, dezassete, dezoito anos. Só falava desse homem e, até hoje, jamais foi "cancelado" comigo. Continuo lendo Gabriel.

Agora, esse negócio de gostar de palavras, de gostar de teatro, não sei muito bem de onde vem. Mas acho que estava na minha personalidade desde sempre. Gostava de dar nome às minhas coisas. As ventoinhas tinham um nome, meu travesseiro tinha um nome, meu sofá em casa tinha um nome. Gostava de inventar palavras, inventava músicas no carro com a minha irmã. Brincava disso, sem perceber que esse material é tão sério. Nem quando entrei para a escola de teatro profissional tinha essa ideia de a palavra, para mim, ser tão importante. Foi um processo muito lento de reconhecimento e também de me autorizar a entrar nesse campo, para trabalhar.

### **Ao nível da dramaturgia, que autores te inspiram?**

Como dramaturga, devo admitir que leio muito pouco dramaturgia, o que acho criminoso. O Tiago Rodrigues é o meu dramaturgo de preferência. O trabalho dele, a escrita dele, me afeta de uma forma muito potente. Li alguns trabalhos da Ali Smith que achei incríveis também.

### **És atriz, escritora, pesquisadora, dramaturga. A tua relação com a palavra é diferente em cada uma destas vertentes?**

No fundo sou sempre eu. A forma como enceno os meus textos, e algumas vezes já entrei em cena falando os meus próprios textos, é um casamento assim... Outras pessoas podem fazê-lo maravilhosamente e à maneira delas, mas acho que tenho uma relação que é minha com aquele objeto.

**E como é ouvir as tuas palavras ditas por outras por outras pessoas?**

Acho um máximo. Eu amo. Desde que comecei a escrever para teatro, se puder, vou a todas as recitas. Amo ouvir aquilo em dias diferentes, com plateias diferentes, meus humores também mudam, estou sempre vendo como é que as piadas funcionam, o que que podia ter feito melhor. Tenho todo o prazer de estar vendo as pessoas reagirem a coisas que escrevi, às vezes sozinha. As pessoas estão do meu lado e não sabem que eu sou eu. Gosto dessa sensação, de me sentir invisível na plateia de uma criação que tenha passado por mim. Quando era mais jovem fazia isso um pouco ia mais. Agora continuo gostando, mas sofro mais, então prefiro evitar assistir tanto.

**Há mais de dez anos que és colecionadora de cartas compradas em feiras de antiguidades. O que encontras nessas cartas?**

As pessoas geralmente julgam que encontro ali histórias tórridas, segredos, e não é bem assim. Porque as cartas não vêm numa ordem cronológica, não é uma obra organizada. São mesmo pedaços, como se estivesse recolhendo o que veio de uma explosão. Nessa explosão, ou seja, nesse contato com uma escrita que é de fragmentos, em que nunca vou saber a história inteira, o que mais me encanta é a forma como as pessoas escrevem. [Porque] não são escritores ou escritoras que publicam, ou publicados.

O que me interessa nessa escrita das cartas que encontro na rua, são várias coisas, como elas terem sido alcançadas pelo esquecimento. De alguma forma, fo-

ram parar na rua. Não se sabe porquê. Pode ter sido por acidente, por vontade, por motivos que não conseguimos nomear. E [me interessa também] por elas trazem uma qualidade na escrita que é algo que hoje se perdeu muito, porque a gente nunca escreve para uma só pessoa, é muito raro. O que muda na escrita de uma pessoa que está escrevendo para uma pessoa só, para um só destinatário? Antes de sabermos o que aconteceria, com a escrita cotidiana, com as redes sociais... Como é que quotidianamente essa escrita da pessoa comum se dá, quando a palavra serve para uma coisa: comunicar. Não está ali para fazer romance... É muito bonito e é muito potente essa escrita, na minha opinião.

**Já alguma vez leste um fragmento de história que te intrigou ou que te fez ficar muito curiosa para saber mais sobre aquela história?**

Acontece. Pode acontecer. [Há] um caso que, para mim, foi muito chocante, assim... foi maravilhoso. Tinha enfileiradas umas trezentas ou quatrocentas cartas, todas em francês, que não falo – mas também compro as cartas em línguas que não falo. Fiz o exercício de tentar entender e, um dia, no meio daquelas cartas todas em francês, aparecem quatro cartas, e não mais do que quatro, escritas em inglês.

A autora das cartas em francês estava escrevendo para o seu amante. Você conseguia perceber isso pelo teor da carta: que o cara era casado e que eles tinham de passar por certas coisas, para que as cartas chegassem às mãos dele. E aí no meio das cartas dessa mulher X, encontro quatro cartas de uma outra mulher Y. As cartas dela são tão emocionantes, tão bem es-

critas... e ela também era amante daquele mesmo homem. Sei mais do que ela por ter lido as outras cartas em francês e me bateu um desespero de só ter aquelas quatro cartas, de não saber mais nada sobre ela, nem o nome, porque não assinava.

**És a autora do texto e uma das criadoras do “Outra língua”, um espetáculo criado a partir das experiências de falantes de português de diferentes países (Keli Freitas e Tita Maravilha, do Brasil, Raquel André, de Portugal, e Nádia Yracema, de Angola). Qual foi o mote para este projeto?**

O “Outra língua” é o tipo de espetáculo que está há dez anos dentro da sua cabeça, antes de ter a oportunidade de ser alguma coisa. Começou quando ainda morava no Brasil e tive o meu primeiro contato com a língua portuguesa de Portugal, através da Raquel André, do Tiago Rodrigues e da Magda, que foram lá [ao Brasil] dar um curso. Quando ouvi português de Portugal, pela primeira vez, ao vivo, me dei conta de que tinha ali uma questão gigantesca e muito interessante.

Tinha uma brincadeira de rir de algumas coisas que a Raquel falava, e ela dizia “não sei porque estás a rir, é a mesma língua”, e eu dizia “é outra língua”. Daí vem o nome do espetáculo. É muito engraçado que o português no Brasil, o português em Portugal, o português em todos os seus portugueses tem o mesmo nome – porque uma das premissas das línguas é que coisas diferentes têm nomes diferentes. A gente partilha o mesmo nome. E a língua é a mesma? Queríamos partir desse lugar pela diversidade das falantes, que queríamos ter no espetáculo.

Agora, posso falar que – como mulher queer, LGBTQIA+, pessoa, cidadã, imigrante, estudante de letras, mas principalmente cidadã brasileira – a forma como o discurso é operado no dia-a-dia não passa batido [despercebido]. É algo que me pega logo. Queria muito falar sobre o problema da língua, e esses desejos nossos foram-se fragmentando dentro das cenas. Como é que nos expressamos e quanto isso fala sobre nós? Será que fazemos uma cena onde cabe a nossa vontade de falar sobre o género na língua portuguesa? [Que é] perfeitamente insuficiente – o masculino é o género neutro. Vamos problematizar isto? Será que a língua muda a forma como a sociedade funciona? O que vem antes: a nossa forma de viver ou a língua que falamos? São perguntas sem resposta, mas também nos encorajávamos no facto de não sermos linguistas, e de não termos um compromisso científico de chegar com uma resposta, para as pessoas.

Vamos continuar falando “denegrir”? “Lista negra”? Uma lista gigantesca de coisas que já deveríamos estar cortando do nosso vocabulário. Como é que vamos lidar com isso?

### **São palavras que não usas?**

Tudo é um exercício, é uma escolha. Tem muitas palavras do meu vocabulário que não desaparecem por magia. Elas desaparecem, porque não quero mais usá-las. Como é normal, dou as minhas escorregadas e falo, “desculpa, essa palavra não se fala mais”.

### **E há palavras que te dão um gozo especial?**

Os palavrasões! Os palavrasões são maravilhosos, mas muitos deles têm um cunho misógino. Não quero nem

entrar em detalhes aqui, mas são muito complicados. Gostaria de parar de falar palavrão, mas o que vou botar no lugar ainda não sei.

### **O que estás agora a ler?**

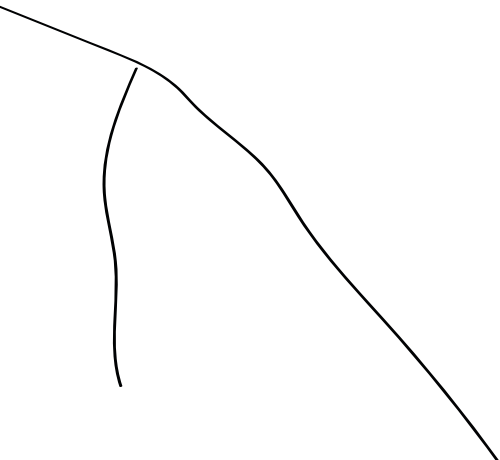
Estou lendo um livro sobre as madrinhas de guerra, porque é o tema da minha dissertação de mestrado. Um livro da Chantal Akerman, chamado *My Mother Laughs*. A Autobiografia da Minha Mãe, da Jamaica Kincaid. A biografia do Ai Weiwei. E a biografia da Rita Lee. Vou lendo os livros ao mesmo tempo.

### **E um livro que achas que toda gente devia ler...**

“Um Defeito de Cor”, de Ana Maria Gonçalves. É um chamado, é uma experiência intensa de aprendizado.



PEDRO  
MAFAMA



# “A poesia é uma coisa que está presente em tudo, até quando não se trata de palavras”

ENTREVISTA POR MARIANA MONIZ,  
JORNALISTA DO GERADOR

Iniciou a sua carreira musical com o nome de Pedro Simmons e é, atualmente, conhecido artisticamente como **Pedro Mafama**. Pedro Simões começou por estudar Artes Plásticas, mas rapidamente percebeu que preferia “abrir as fronteiras” da música popular portuguesa. Hoje, não só se define como um cantor, mas também como um artista capaz de unir os diferentes géneros musicais nas suas composições, aproximando-as de todas as todas as comunidades que vivem em Portugal e no mundo.

**És conhecido por ser um artista que tenta unir todos os géneros musicais. É dessa forma que tu procuras ultrapassar ou abrir as fronteiras da música popular portuguesa?**

Eu acho que vim de uma geração que também já está habituada a misturar vários géneros musicais. Estou a pensar em Buraka [Som Sistema], que sempre partiram de uma perspetiva deles e quase [que] específica, de géneros musicais que eram a sua base ou do que era a ideia de kuduro progressista. Ou seja, eu cresci

um bocadinho com esse formato na minha cabeça, de que a pessoa não tem de escolher um género e ficar presa a ele.

Depois, o que também me interessa muito na música, e na música popular portuguesa, é a forma como vários géneros [musicais] se relacionam [uns] com [os] outros. O conceito unificador deste [último] álbum é a música de baile. E eu gosto muito de perceber, por exemplo, as semelhanças que existem entre a música de baile portuguesa e, se calhar, outras sonoridades de fora. Por exemplo, para mim, os teclados de baile portugueses têm sempre alguma coisa de arabesco, fazem-me lembrar os teclados das rumbas portuguesas e dos teclados árabes. O meu prisma é, muitas vezes, olhar para um género musical e ver como é que ele se relaciona com outros.

**Numa entrevista, disseste que a música popular nem sempre tem a capacidade para trazer pensamentos filosóficos. Sentes a necessidade de romper com essa ideia?**

Sim, eu acho que a música popular funciona se tu conseguires entregar conceitos profundos. Claro que tem de ser de uma forma mais simples, eficaz e concisa. Mas o que faz uma música pop, não acho que tenha muito que ver com a profundidade do que está a ser dito, mas [sim] com a rapidez. Tem mais que ver com a estrutura interna da canção.

**Mas achas que o facto de a música popular ter um ritmo tão acelerado faz com que as pessoas nem sempre interpretem a mensagem que está por detrás da sua composição?**

Por exemplo, n' "O Baile Vai Começar", a primeira música do disco - que é até uma música bem popular e rápida - eu digo algumas coisas do género "há que fazer atenção, porque há tensão no ar a subir." Ou seja, estou um bocadinho a piscar o olho àquilo que nós vivemos nos dias de hoje. Há uma tensão qualquer no ar a subir, não é? Sente-se isso em termos de civilização. Então, acho que a pessoa vai colocando ali uns pedacinhos de informação, ou de coisas mais profundas, e acho que no contexto certo elas são apreendidas. Existem grandes exemplos de pessoas que fizeram isso, que me deram muita força para este álbum, desde Chico Buarque a Caetano. Acho que essa geração brasileira dos anos 60 fez música muito boa, muito inteligente e muito filosófica, mas de uma forma simples.

**A maneira como se cantam essas músicas e o ritmo da própria música popular é uma forma de aproximação para com a comunidade?**

Sim, e é uma forma de conseguires fazer música inteligente, cuidada, bem trabalhada, feita com amor e carinho, mas que chegue a toda a gente. Acho engraçado o facto de eu estar a dizer "mas". Isso não devia ser uma contradição. Quero fazer música com amor e carinho, mas que chegue a toda a gente. Porque é que eu estou a dizer "mas"? Eu não devia estar a dizer "mas", eu devia estar a dizer "e que chegue a toda a gente". Isto mostra que nós temos essa ideia de que a música pop é feita para vender e de que a música profunda não vende e não chega a toda a gente. Eu já estava quase a ficar habituado a essa ideia, ou seja, nunca aceitei essa ideia, mas já estava quase a ficar conformado... do género, pronto, fazer música bem pensada, profunda e cuida-

da vai deixar-me sempre num nicho e estava quase a habituar-me a essa ideia, mas acho que este álbum está a conseguir romper [com] isso.

**Dizes que ultimamente tens tentado desbloquear outras formas de escrita. Como é que descreverias a relação que tu tens com a própria língua portuguesa?**

Acho que a minha relação com a língua portuguesa precisa de ser trabalhada e transformada diariamente para se manter atual e para conseguir ser usada na música.

Acho que a [língua portuguesa em si] tem de ser atualizada e aperfeiçoada todos os dias. Estou a falar mais do português de Portugal. O português do Brasil está sempre a atualizar-se, há sempre nova gíria. Já o português de Portugal também se devia atualizar com novo calão, nova gíria, novas expressões para não termos de estar sempre a recorrer ao inglês - que tem sempre expressões novas e atualizadas - para descrever novos conceitos e novas formas de estar. Apesar de ser normal, e é na boa que usemos expressões inglesas, mas a minha visão é a de que temos de traduzir e de aperfeiçoar a nossa língua.

**Para além dos registos musicais tipicamente conhecidos como sendo portugueses, também tendes a reproduzir outros géneros, nomeadamente a rumba e o kizomba. Consideras que as pessoas ainda não têm bem noção de que esses registos também fazem parte da cultura portuguesa?**

Eu acho que esse assunto agora ficou um bocadinho mais complexo, porque se nós partirmos da perspetiva dos Buraka [Som Sistema], a mensagem deles é a

de que isso tudo também é música lisboeta. O kizomba nasceu entre Luanda e Lisboa.

**Mas ainda existe muito aquela ideia de que esses géneros musicais pertencem somente a certas comunidades, não é?**

Exatamente. Se eu estiver a falar da batida lisboeta e a assimilar isto como música portuguesa, se calhar também estou a apropriar-me de uma coisa que não é minha. Neste álbum, quis certificar-me de que estava a usar referências que conhecia bem ou que chamava alguém que conhecia aquele género [específico] ou alguém da comunidade à qual este género pertencia para trabalhar comigo numa determinada música. Por exemplo, a música "Estrada" é uma rumba portuguesa que traz consigo muitas influências. Eu chamei pessoas [da comunidade cigana] para trabalharem nela e para poder ter mesmo a sua voz nessa música.

Para mim, ao ter Diego el Gavi a cantar, a fazer as melodias lá atrás - os chamados "aias" e os "olés" - [consigo reproduzir] o registo de uma voz cigana portuguesa e eu acho que devemos aproveitar todas as oportunidades para ter registos dessa comunidade que é invisível, muito invisível. A guitarra do Chico Montoya, o teclado do José Lebre... É importante ter um registo destas mãos ciganas, porque um teclado tocado pelo José Lebre, um homem português cigano... os dedos dele têm uma história, percebes? Se eu ou o Pedro da Linha tocássemos esse sintetizador, não seria a mesma coisa, porque não temos essa história que está em cada "olé" do Diego el Gavi, em cada palma que está lá registada.

Para abordar um determinado género musical, tenho de o fazer com alguém que conheço. Fiz o mesmo com as marchas. Não estive só a interpretar as marchas populares de acordo com a minha ideia ingénua do elas são. Por exemplo, cantei com o Luís Rodrigues, o líder do "Cavalinho da Marcha da Alfama" - "Cavalinho" é o nome das bandas das marchas.

### **Tens tendência para apresentar trocadilhos nos nomes dos teus álbuns. Porquê?**

Gosto muito de usar símbolos, de perceber que tudo o que nós vemos e recebemos do mundo é um conjunto de símbolos. Tu podes associar uma determinada música a uma comunidade ou a um universo. Às vezes, o ritmo que agora está numa música, afinal veio do rock'n'roll dos anos 60 e foi interpretado por certas pessoas, transformando-se depois noutra coisa. Acho que é tudo um jogo de conotações, estás a ver?

Por exemplo, no "Preço Certo", ouves a palma assim reta (clap clap clap, ritmo constante) - que é a palma à avó portuguesa, basicamente (risos). Mas essa palma também é muito da música árabe. E porque é que nós associamos esta palma assim (repete a palma anterior) ao "Preço Certo"? Ou a uma palma portuguesa? É um conjunto de conotações, ou seja, podia ser de outra forma. Então eu vou jogar com isso e depois vou dar-te se calhar um piano a fazer... tan tan tan tan tan (com variações na melodia) já com uma síncopa e com um ritmo mais da música africana.

### **Que traga sempre uma imagem associada...**

Exato. Eu estou sempre a jogar com símbolos e a trocá-los de sítio, percebes? Por exemplo, visto umas cal-

ças rasgadas com um cinto da Diesel e tu pensas logo: "ah, é cantor de baile", porque depois tenho uma t-shirt apertada. Mas depois as calças rasgadas são muito largas, então tu já pensas: "OK, parece uma moda mais atual". O bigode, "OK, é português", então eu aí já posso vestir uma t-shirt amarela da Diesel, que não é muito portuguesa por excelência, mas como eu tenho um bigode, aquilo já... percebes, estou sempre a jogar com símbolos. E os nomes dos discos, até agora, têm jogado muito sempre com esses símbolos.

O Por Este Rio Abaixo, era uma referência ao Por Este Rio Acima do Fausto, e um bocadinho a contradizer esse título, a virá-lo um bocadinho de pernas para o ar. Para este álbum [Estava no Abismo, Mas Dei Um Passo Em Frente] peguei numa frase que alguém pudesse ter dito sem querer, uma calinada, e depois também a virei de pernas para o ar, porque pensei que pudesse trazer mais alguma coisa de profundo. Aí está uma coisa que eu gosto muito de fazer também, que é dar sentido e profundidade a uma coisa brega, uma coisa que alguém disse por erro. Esta frase é quase essencialista, é quase um lema de vida para mim. Estava no Abismo, Mas Dei Um Passo Em Frente pode ser algo que eu digo a mim mesmo quando estou muito indeciso. Do género, "vá, fecha os olhos e dá um passo em frente", estás a ver?

**O fado estava mais presente no teu primeiro álbum e justificas isso com a fase que estavas a atravessar naquela altura da tua vida. Agora afirmas que estás mais numa de tentar aproveitar a poesia do dia a dia. O que é que tu entendes por poesia do dia a dia?**

Uma coisa que eu tentei muito fazer foi pegar em géneros musicais que são vividos no dia a dia, ou seja, que

estão vivos e que são de agora... Não que o fado não seja de agora, mas eu queria sair um bocadinho da tradição e ir para coisas que estão vivas e que são atuais. E acho que as marchas, por exemplo, enganam um bocadinho nesse sentido, porque são acústicas, ou seja, usam a trombones, tubas e "instrumentos antigos". As marchas são uma tradição que está tão viva que eu quase não consigo chamar-lhes de tradição. Eu acho que uma das minhas ferramentas sempre foi pegar numa coisa muito simples ou muito visual, e atribuir-lhe uma poesia para a qual nós nunca tínhamos prestado atenção. Por exemplo, no "Estranha Magia" [eu canto]: "em cada noite de luar, sentem-se as árvores a dançar/ O carro passa a dar kizomba, o barco serpenteia o mar..."

Para mim, nesta letra, a poesia está em falar de um carro que passa a dar kizomba e tu estares, na verdade, a ouvir uma marcha. "O carro passa a dar kizomba". Ao ouvir isto, consigo imaginar um carro tuning - que eram os carros que passavam pela minha rua à noite, às quatro da manhã, enquanto estava a adormecer. Era o pessoal que conduzia com o piso rebaixado e que fazia os vidros das janelas do meu quarto tremerem. Comparar isso a um barco que serpenteia o mar... eu acho que é bonito. O barco é da pintura, é do postalinho. O carro é da cultura Chunga, do bairro, do agora. Mas os dois têm a mesma beleza. Acho que isso é poesia.





SAM  
THE  
KID



**“As palavras que escrevi, em que estou a contar a minha história, ditas por mim (...), serão sempre o auge da obra”**

ENTREVISTA POR FLÁVIA BRITO,  
JORNALISTA DO GERADOR

Habitado a trabalhar a língua portuguesa nas teias de rimas e batidas, **Sam The Kid** é um arquiteto das palavras. Em 2021, o rapper e produtor juntou-se ao linguista e professor Marco Neves, num projeto sobre mitos, preconceitos e curiosidades da língua de Camões. O podcast deu origem a um livro com o mesmo nome, *Assim ou Assado*, publicado no ano passado.

**É conhecida a tua paixão pela língua portuguesa. Esse interesse surge por consequência da tua prática artística ou anteriormente já era algo que te interessava?**

É difícil ter memórias de interesse sobre a língua portuguesa antes de ser rapper, porque o rap começou muito cedo, mas, sem dúvida, que esse interesse já existia. Tenho provas físicas disso, de usar a língua portuguesa e de metê-la a rimar, de fazer textos de poesia. Composições da escola primária, em que tinha muito prazer em fazer essas composições em rima. Logo aí, houve uma atenção a certas palavras específicas, para tentar fazer um texto poético, para fazer essas palavras rimar, mes-

mo que, naquela altura, fossem rimas de manjerico.

### **Gostavas de poesia?**

Gostava de fazer rimas, mas não sei porquê. Acho que o rap cativou-me, porque o Samuel criança já gostava muito de fazer rimas, e o rap foi convidativo, porque me parecia algo que conseguia fazer. Já era uma coisa com a qual brilhava na escola, quando fazia composições. A rima é uma coisa muito portuguesa. O português tem muito aquela coisa da rima, do trocadilho, de brincar com as palavras.

Nunca li muita poesia. Gosto de ouvir poesia e o rap tinha isso. Estava a ouvir poesia. E dos disco que mais usei e ouvi – que herdei do meu pai – é o do Mário Viegas a recitar a “Cena do Ódio”, de Almada Negreiros, e isso para mim fez toda a diferença. Nunca iria ler a “Cena do Ódio” de Almada Negreiros.

### **Achas que é isso que acontece também com os jovens de hoje? Quando, na sala de aula, preferem ou se sentem mais cativados, por exemplo, a estudar um rap do que um poema de Camões ou Fernando Pessoa?**

Quando temos as palavras numa folha há uma liberdade enorme. Há uma liberdade visual e há uma liberdade de interpretação daquilo que estamos a ler. E se nós não soubermos ler bem, se não formos bons intérpretes a ler, será que essa emoção vai passar? Será que não precisamos de alguém que interprete bem aquelas palavras, para nos fazer passar a emoção que é necessária, para nos vender melhor o que está ali naquela folha? Da mesma forma que depois também existe o

campo visual. Quando algo está escrito numa folha, há uma liberdade para a imaginação de detalhes que não estão escritos naquelas palavras, mas, se fizermos um filme com essas mesmas palavras, vamos ter de acrescentar detalhes, como a cor de um vestido, que se calhar não estão naquela descrição. É o bom e o mau. Tira essa liberdade, impõe uma imagem mais específica, mas, se tiver bem feito, pode ganhar uma emoção extra. É o melhor dos mundos, quando as várias artes se juntam, quando estão vários sentidos, ao mesmo tempo, a terem um prazer enorme, que faz com que a emoção se amplie. Da mesma forma que num certo filme, um certo diálogo, com música ou sem música, a emoção é diferente.

As ferramentas estarem à nossa mão para pudermos transmitir emoções às pessoas, é sempre uma mais-valia. Isto para dizer que, se juntarmos uma boa interpretação a um bom texto, acho que só temos a ganhar no que consta a passar uma emoção. E a parte da interpretação fascina-me ainda mais. Porque, realmente, aí é que se vão ver as emoções, as nuances, que podem variar de interprete para interprete. Mas, no meu caso específico, venho duma cultura, neste caso do hip-hop, em que quase não questionas quem é que escreveu a letra que estou a "rappar". Sabes que fui eu que escrevi. Isso é uma coisa espetacular e, diria, intransmissível.

### **Ganha um carácter de genuinidade?**

O que quero dizer é que: acredito que o Mário Viegas recitava poemas melhor que certos autores que ele recitava, mas não quero acreditar que exista alguém, ou existirá alguém, que recite melhor os meus "raps" do que eu. É o poder do rap. As palavras que escrevi,

em que estou a contar a minha história, ditas por mim, e bem interpretadas, porque eu é que escolhi a forma como as quero interpretar, serão sempre o auge da obra. A verdade conta imenso.

### **Conforme os anos e as experiências vão passando, também os teus temas vão mudando?**

Sem dúvida, e faz muita falta. Agora já estamos quase, diria, numa terceira idade de rappers. Já é comum, nos Estados Unidos, ver rappers que têm netos, com cinquenta, sessenta e até com quarenta e tal. E temos de assistir a esses temas, o tema da vida, divórcios, temas mais adequados àquela maturidade. Obviamente que não vão estar a competir com uma coisa pop. É normal que algo com energia mais jovem, esteja no top, a vender mais que uma coisa mais madura. Porque também a música é muito mais usada para a atividade lúdica, para te espaireceres, para te distraíres um bocado da vida, do que propriamente para pensares e refletir. Mas é muito importante, a vida e esses temas acompanharem a nossa poesia.

Embora haja depois certas coisas um pouco tradicionais, que não me importo nada que existam, ainda usufruo delas e não me sinto ridículo. Ou seja, aquilo que é considerado o braggadocio ou o egotripping do rap é uma coisa que faz parte da cultura. É como se fosse a parte competitiva. Mas é normal que, quanto mais crescemos, mais também, se pensarmos profundamente, podemos perder o encanto disso. Mas, para mim, ainda faz sentido. Essas coisas podem ser vistas como meio imaturas ou juvenis, mas se me queres retirar-las quando tiver cinquenta anos, estás-me a dizer-me que não posso ter esse espírito à mesma. Acho

que também é válido trazer certos temas que fazem da parte da cultura, de uma forma intrínseca, para a tua vida inteira. Não digo uma realidade que não é a tua só para parecer jovem, isso também pode parecer desadequado, e depois transparece.

**Quais foram as últimas palavras que descobriste e que gostavas de usar numa letra? E o que te interessa nessas palavras?**

Existem palavras que não existem que gosto de pôr na mesa. E o poeta tem muito essa liberdade. Tenho muitas apontadas, mas uma delas é reclínio. Mas é importante que a palavra seja dita, num contexto em que seja entendida. Mesmo que estejamos a inventar uma palavra, é importante que ela seja bem comunicada.

Há outras situações, como a palavra existir, mas não ser muito usada. Na semana passada, escrevi algo que tinha esta expressão: "fracassei-te". O "te", às vezes, é o que nos questiona. Leva-me sempre ao nome do livro do [José Luís] Peixoto, que chama-se Morreste-me. É uma palavra que não é usada, mas que é belíssima.

E também me interessa explorar aquilo que as pessoas consideram erros. Daí ter feito o podcast e livro Assim ou assado, para insistir que as pessoas só os apontam, porque está no consciente que é um erro, que detetaram, que vos lhes ensinado. Porque se disser um erro, mas nunca ouviste, o teu cérebro não vai saber se é um erro ou não. As pessoas são muito rápidas a apontar esse dedo e depois vão ver e, realmente, se calhar não está assim tão errado.

Adoro é que se acrescentem coisas àquilo que já existe, até mesmo para a minha vida de autor e para a minha arte das palavras, quero mais palavras. As pessoas mais conservadoras neste sentido têm sempre um medo, de que o novo é para tirar o velho. Não! É só acrescentar. Se tirar o velho vai dar ao mesmo, quero é mais. Quero usar o novo, quero usar aquilo que vocês dizem, que é um erro, mas que toda a gente usa – e essas pessoas é que mandam, o dicionário apenas organiza o que as pessoas falam. E, se elas já falam isto, há décadas ou séculos, vão continuar a dizer que é um erro? Quero dizer espirrar e espilrrar e está tudo certo.

**Porque é que achas que há esse protecionismo, às vezes até enganadoramente, relativamente à língua portuguesa?**

Há uma ideia errada de que o novo vai fazer o velho desaparecer e não acho que seja isso. Tenho uma música com o Mundo Segundo, que, logo na introdução, aparecem termos dos anos 80: “tagarelas, cobardolas, só balelas, só artolas”. Não são termos que os miúdos estão aí a dizer, mas são úteis. Quero esses termos, quero é que esses termos continuem a existir, e vou usá-los.

Se houver uma postura de “saudade é valiosa, porque não tem tradução”... Epá, para mim, havia quarenta sinónimos de saudade. Se estiveres a proteger, “não pode haver um sinónimo desta palavra”, estás a tornar a língua pobre. Não estás a deixar a língua ser rica. Ou seja... agora estou a concluir que são visões opostas de riqueza, na realidade. Porque, para aquela pessoa, a riqueza é esta palavra não ter sinónimo e, para mim, riqueza é precisamente o contrário.

**O rap tem tido um papel importante na disseminação da língua portuguesa e dessa sua variedade?**

Sim, o rap tem tido um papel super importante, para abrir a mente para textos poéticos, para introduzir expressões, sejam elas, o calão, que, no futuro, deixará de ser calão e passará a ser oficial em alguns casos, seja em termos ditos mais eruditos. Também não gosto muito da divisão de classes das palavras – se há palavras caras, então há palavras baratas?

Daí dizer que, na identidade dos rappers, além da performance, o vocabulário que eles usam é essencial, é o que traz para o panorama esta riqueza e esta identidade que nos completa e enriquece o vocabulário.

SELMA  
UAMUSSE



**“A comunicação também é muito feita, no meu caso, pelo olhar, pelo toque, pela proximidade”**

ENTREVISTA POR FLÁVIA BRITO,  
JORNALISTA DO GERADOR

Já passou por grupos como os WrayGunn ou os Gospel Collective, onde cantava majoritariamente em inglês. Outros projetos musicais levaram-na a entoar mais a língua portuguesa. Agora, em nome próprio, **Selma Uamusse** canta principalmente em línguas de Moçambique, de onde é natural, numa mistura com o português e outros idiomas. A escolha é marcada pela musicalidade das palavras, mas é também um statement.

**No teu trabalho a solo, mas também noutros projetos, cantas em português, inglês, línguas moçambicanas... São tudo experiências diferentes para ti?**

São e não são. Utilizo a língua, obviamente, para me exprimir, para comunicar. Mas quando penso na língua enquanto forma de expressão musical, penso mais nos sons do que propriamente numa única língua. Por isso, para mim, é relativamente fácil dizer uma frase em português e ligar com outras línguas, porque preocupa-me muito o som.

Por exemplo, o português de Moçambique é um desafio que me tenho constantemente colocado. É diferente do português de Portugal, seja a nível de léxico verbal, até às vezes as formas verbais... Acho superinteressante, por exemplo, em relação à língua portuguesa, haver diferentes palavras para exprimirem as mesmas coisas. Vejo a língua como uma ferramenta que me faz pensar em sons, que me levam a uma determinada musicalidade. E, por isso, é muito fácil ligar-me e conectar-me com a língua portuguesa, mas também com outras línguas a cantar.

A língua tem muita importância, e dou muita importância àquilo que digo – e principalmente àquilo que canto, mas vejo sempre a língua como uma ferramenta e uma forma de expressão musical, como som. Que sons me interessam no português? Que sons me interessam nas várias línguas de Moçambique? Que sons me interessam noutras línguas e como é que isso depois comunica com as outras pessoas no meu trabalho? Isso é realmente muito importante.

**A solo, como dizias, a maioria das músicas são em línguas moçambicanas. É através da performance que transmites o sentimento do que estás a cantar, a uma audiência que não perceba o que dizes?**

Sim, a performance é muito importante, mas a performance tem que ver com a artista, com a minha forma de me exprimir. Mais [importante] do que a performance, é sem dúvida, a parte da comunicação, aquilo que vou explicando. Faço sempre questão de explicar às pessoas o que estou a dizer, para que elas possam entender. Mas acho que aquilo que mais lhes fala – para

além, obviamente, da explicação – é algo que não é muito palpável, que está nas entrelinhas e que está na magia e na arte da música, no fundo.

Por isso, utilizo muito a língua para explicar o que estou a dizer, mas, no fim do dia, não confio assim tanto na minha forma incrível de comunicar [risos]. Estou a brincar, obviamente, mas confio, acima de tudo, no papel que a língua tem, mesmo quando não explicamos determinadas coisas. Associamos sempre as palavras a uma determinada sonoridade e a uma determinada forma de nos exprimirmos, e isso faz com que tenhamos uma determinada perceção do sentimento que essas palavras têm.

As pessoas vibram com determinadas coisas, seja uma performance mais ativa, seja uma performance mais intimista, mas diria que, em 100%, será 40% a mensagem. Depois acho que a maior importância está mesmo no som, na disponibilidade também, quer do artista, quer das pessoas em comunicarem. E a comunicação também é muito feita, no meu caso, pelo olhar, pelo toque, pela proximidade.

### **Consegues com facilidade perceber o mood da audiência?**

Não sei se consigo, mas procuro muito entender, no coração, o que a audiência quer e o que a audiência pede. Como tenho uma performance muito ativa – não só no sentido de dançar, mas de uma comunicação muito constante com o público – procuro ler muito as pessoas. “OK, estas pessoas, se calhar, vão gostar de dançar, ou vão gostar de cantar, ou vão gostar, pura e simplesmente, que esteja entre elas, ou vão gostar de

receber um abraço, ou, se calhar, estão a precisar de ouvir uma determinada mensagem." Já me aconteceu isso, sentir que era o lugar certo para dizer isto ou aquilo.

Um concerto, para mim, é uma celebração, mas não uma celebração individual, é uma celebração conjunta, então faz mais sentido se a anfitriã, neste caso, se preocupar com, mais do que agradar, entender os seus convidados.

**No teu último disco, "Liwoningo", cantas pela primeira vez uma música em português. Como é que o português surge nessa canção? E pergunto-te também se o facto de teres escolhido maioritariamente línguas moçambicanas para dizer as tuas letras, se está estritamente relacionado com estares a explorar as tuas raízes moçambicanas, visto que falavas na questão de dares muita importância também à musicalidade da língua...**

No Mati, já tinha uma música em que dizia "baila, Maria". Era assim um bocadinho de abordagem em português, mas era uma versão, nem sequer era uma canção minha. Neste caso, o "Khanimambo" é uma canção minha, e queria muito escrever uma canção sobre gratidão. É uma canção sobre gratidão, sobre várias coisas ao longo do meu percurso de vida e fazia muito sentido que fosse em português, porque o meu percurso de vida tem sido em português. Foi muito intencional fazer esta única letra em português no disco.

Em relação ao facto de usar as línguas de Moçambique, há obviamente um lado muito de estudante da minha cultura moçambicana, porque vivo em Portugal há muitos anos e, portanto, tenho muito interesse em es-

tudar as minhas línguas e em estudar os instrumentos tradicionais moçambicanos, etc. Existe um lado lindíssimo de encontrar a beleza noutras línguas e noutros sons também. Isso interessa-me enquanto música.

Mas depois também existe uma espécie de statement, que é a razão pela qual não falo as línguas de Moçambique de uma forma fluente, assim como muitas das pessoas do meu país, o meu irmão, os meus primos, porque a minha família era uma família de assimilados. E isso é um statement político. Às vezes, as pessoas perguntam-me, "mas porque é que não canta mais em português?", e eu digo que não canto em português, porque todos nós já falamos português e há muitas pessoas a falar em português. E as minhas línguas foram-me roubadas.

Não falo em nenhuma das línguas de Moçambique com os meus avós ou com os meus familiares, porque os meus familiares optaram por adotar a língua portuguesa como língua oficial, rejeitaram as suas línguas para poderem ter mais oportunidades financeiras, mais oportunidades de trabalho, etc. E isso era uma escolha que muitos moçambicanos tiveram de fazer, para não terem o estatuto indígena e poderem ter o estatuto de assimilado e outro tipo de oportunidades de vida. Então, é um statement no sentido de que, neste momento, com 41 anos, estou a aprender as minhas línguas, e é importante que vocês [o público] as conheçam também, assim como as pessoas conhecem francês, inglês. Até podem achar alguma língua estranha, mas que possa haver essa familiaridade e também que as pessoas quando pensarem na famosa lusofonia, não pensem apenas em português, mas pensem também em todas as outras línguas.

Para mim, é quase um ponto de ordem, enquanto moçambicana, poder dar a conhecer a minha cultura moçambicana, através dos instrumentos, dos tecidos, dos ritmos, dos sons e da beleza das variadíssimas línguas.

**Iniciaste o processo de aprender essas línguas na altura em que estavas a pensar no teu primeiro disco, o "Mati"? Ou antes ainda?**

Sim, tenho aprendido. Umhas coisas por curiosidade, outras porque quero entender uma conversa das senhoras da banca, nas ruas de Moçambique. Mas, acima de tudo, porque, quando decidi ter um projeto a solo, senti que gostava muito de me exprimir enquanto moçambicana, mas também enquanto portuguesa. Cresci cá, sinto-me muito moçambicana, mas sentia que precisava de resgatar muito da minha cultura para me sentir moçambicana de uma forma mais plena, porque me sentia muito influenciada pela cultura e pela forma de estar portuguesa.

É um estudo que vou fazendo, ao longo de muito tempo, no sentido também de me encontrar no todo, porque uma parte de mim já conheço muito bem, mas há uma outra parte que tem que ver com a ancestralidade, até muito mais do que vivência. Sentia e sinto que precisava de resgatá-la e de trabalhar nela para que, em palco, me pudesse apresentar de uma forma plena.

Por isso, às vezes, é difícil de rotular a minha música. Porque indo buscar instrumentos, línguas de Moçambique, sons e ritmos, ela não é música tradicional moçambicana, mas também não é música tradicional portuguesa. Mas também não é jazz, não é gospel, não é soul. Tenho procurado ao máximo ser o mais sincera

possível naquilo que é a minha forma de arte. E por isso, não me sinto uma fraude ao cantar em changana, mas ao exprimir-me em português, porque são parte daquilo que é a minha realidade. Agora, se calhar, a minha realidade moçambicana vem tomando mais cor e mais expressão, e isso tem-me trazido muitas alegrias.

### **E quando escreves? Escreves logo na língua em que vais cantar?**

Depende muito. Tenho um processo de composição muito caótico. Posso começar a compor a pensar num ritmo, posso compor a pensar numa melodia, posso compor em cima de um piano a tocar notas, enquanto estou a ler... Posso compor de uma forma muito intencional, em que começo a escrever em português as ideias gerais, e vou-me lembrando das palavras que sei em algumas das línguas de Moçambique. Mas também acontece muito escrever completamente em português um texto, pedir alguém para o traduzir e, a partir da fonética, aquilo criar uma melodia e depois pensar numa canção.

Não tenho uma fórmula fechada e, por isso, diria que, se calhar, o português será sempre o ponto de partida, mais não seja pela forma como penso. Em termos de língua, penso sempre em português. E depois, se calhar, até posso escrever alguma palavra em changana, ou assim, mas penso sempre em português e, normalmente, escreverei em português para depois mudar. Ou então tenho uma palavra, ou duas, ou três, muito específicas, ou estou a ler alguma coisa em alguma língua local que depois me faz pensar.

**Já emprestaste voz e corpo ao teatro, ao cinema e também às artes visuais. As palavras têm o mesmo peso nestas diferentes situações, ou seja, numa peça de teatro, numa música, ou mesmo discurso político?**

As palavras têm sempre muito poder. Um dos últimos trabalhos que fiz a nível performativo, fora da canção-canção, foi com a Grada Kilomba, que é uma artista que trabalha uma série de assuntos, nomeadamente, a pós-colonização, a colonização, o trabalho de reparação histórica daquilo que foi a expansão marítima portuguesa. E o trabalho focava-se numa performance e num trabalho visual muitíssimo forte. Mas depois penso que a chave de ouro era um poema, que se chama "O Barco". Um poema, que é lido de cima para baixo e de baixo para cima, cujas palavras, não sendo um texto corrido, eram todas elas muito fortes: "Um barco, uma casa, uma pessoa, uma vivência." Basicamente, é um poema feito com um artigo indefinido e um nome, um artigo e um nome, e a força que as palavras juntas podem ter, ritmicamente. Mas acima de tudo, em termos de mensagem, é gigante.

Às vezes, a aparência não corresponde necessariamente à essência. A palavra, em qualquer contexto, seja no teatro, no cinema, nas performances, até nas artes plásticas, tem sempre poder. Tem poder para abençoar, para amaldiçoar, para nos fazer crescer, para nos fazer entristecer. As palavras são da maior importância.

Às vezes, precisamos pensar, para o bem e para o mal. As palavras precisam de ser ditas? Precisam de ser ditas naquele momento? Precisam de ser ditas naquele

momento para aquela pessoa? Precisam de ser ditas para aquela pessoa, naquele momento, naquele contexto? Precisamos de pensar muito sobre quando é que as usamos, e sobre como é que as usamos. Se as usamos oportunamente, se as usamos de uma forma autocentrada. Tenho de dizer isto, ou estou a dizer isto porque isto vai chegar e tocar o coração desta outra pessoa e vai causar alguma transformação?

Nas artes, a palavra é muitíssimo poderosa – na vida também, mas nas artes é fundamental e é chave para que a mensagem não fique apenas com o mensageiro, mas que chegue aos destinatários.

## **A AUTORA DAS ILUSTRAÇÕES**

**Priscilla Ballarin** é uma apaixonada pelo objeto livro, linhas, papéis e bons encontros.

É licenciada em Artes Plásticas pela ECA/USP.

De 2006 a 2014, foi sócia da Prompt Filmes, uma produtora de vídeo e design em São Paulo.

Iniciou-se no bordado no Atelier Amar.é.linha, onde também trabalhou entre 2010 e 2014. Em 2012 fundou o coletivo Desejos Urbanos, com o qual criou uma série de intervenções poéticas em espaços públicos para provocar vivências mais afetivas entre os habitantes e a cidade.

Publicou três livros infantis em parceria com a escritora Edith Chacon: Era uma vez outra vez (Edições Barbatana), (des)apontado (Amèli Editora) e Na casa deles (publicação independente finalista do Prêmio Jabuti 2021 na categoria Projeto Gráfico).

Entre 2018 e 2020, foi editora e designer da Linguará: uma revista pela língua portuguesa. Em 2021, publicou o livro Travessia, em parceria com Julia Santalucia e ilustrou a A Linha, de autoria de Yuri de Francco (Devora Editorial).

Atualmente, vive entre Lisboa e São Paulo, é mestranda em Práticas Tipográficas e Editoriais Contemporâneas, trabalha como designer gráfico para o Gerador e segue costurando imagens e livros de mundos tão diferentes e tão próximos.

*[www.priballarin.com](http://www.priballarin.com)*

**@pri\_ballarin**



**ALMADA**  
CÂMARA MUNICIPAL

**GERADOR**